

♥ FABI SANTINA ♥

VOCE
acredita
MESMO
em
AMOR
à primeira
VISTA?

 Planeta

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Copyright © Fabi Santana, 2018
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018
Todos os direitos reservados.

Preparação: Fernanda França e Bianca Briones
Revisão: Maria Aiko Nishijima e Ana Grillo
Projeto gráfico e diagramação: Anna Yue
Capa e ilustração de capa: Foresti Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Santina, Fabi

Você acredita mesmo em amor à primeira vista? / Fabi Santana. –

São Paulo : Planeta, 2018.

224 p.

ISBN: 978-85-422-1432-1

1. Literatura brasileira I. Título

2018

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21º andar

Ed. Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Dedico este livro ao meu noivo Leandro, que sempre me apoiou e me incentivou a realizar os sonhos que até eu mesma achava que fossem os mais inalcançáveis – como me tornar escritora. Lembro de quando contei a ele que gostaria de escrever a nossa história; na época ele virou o nariz e não achou que era uma boa ideia. Então eu sentei na frente dele e escrevi em um caderno o que hoje é o prólogo deste livro. Ele leu, chorou, me olhou e disse: escreve.



OU
TRO Planeta

INTRODUÇÃO



Olá, caro leitor, seja bem-vindo ao romance da minha vida. Ou deveria dizer drama? Nas páginas a seguir, irei lhe contar uma intensa história de amor que começou na minha adolescência e se prolongou por alguns anos.

Você já viveu um amor avassalador em sua vida? Se já, acredito que em vários momentos irá se identificar com a história, e se ainda não viveu, fique tranquilo, o amor chega para todos.

Preciso fazer algumas ressalvas sobre minha narrativa. A primeira delas é que conto como eu a vi, vivi e principalmente senti na época em que aconteceu. Cada pessoa tem uma maneira diferente de interpretar a vida e os acontecimentos e é importante ressaltar que nós mesmos mudamos a forma como interpretamos as coisas com o passar dos anos e das experiências que vivemos. Então, ao longo do livro, a Fabi de hoje faz comentários sobre as reflexões e sentimentos da Fabi daquela época, que hoje parecem pessoas bem diferentes, mas são uma única Fabi, apenas separadas pelo tempo e amadurecimento.

Além disso, durante os dramas, romances e circunstâncias, você poderá sentir raiva, ranço e revolta por alguns personagens, que são pessoas reais, mas que neste livro são mostradas apenas pela minha visão e versão dos fatos. Então, venho alertá-lo, caro leitor, que toda história tem dois lados e que cada pessoa tem uma bagagem de vida que a molda e a faz enxergar o mundo do seu próprio jeito.

Com a minha história, quero mostrar a você que quando conhecemos o amor verdadeiro pela primeira vez podemos perder as estruturas, fazer loucuras, viver com mais intensidade e acabar até nos

esquecendo de nós mesmos. Não que amar não seja bom, mas não vem com manual de instruções, nos deixa perdidos, sem saber como agir e anestesiados. O amor, por si só, deveria bastar! Mas somos seres humanos, queremos mais, criamos expectativas e sonhamos longe. Então a vida vem para nos ensinar a viver e por isso você verá que levei muitos tapas na cara, engoli sapos e passei por poucas e boas. Quem nunca, né? É uma linda história de amor que me fez aprender uma lição e venho repassá-la a você.

Mais uma vez, seja bem-vindo a essa leitura. Divirta-se.

E... Você acredita mesmo em amor à primeira vista?



PRÓLOGO

NEM SEMPRE O fim É fim

É incrível como sempre pensamos que nos conhecemos e temos o completo domínio do futuro, não é?

Eu achava que estava preparada, que o controle da situação estava em minhas mãos, afinal, ele estava errado. Nem percebi que fui me cansando de tudo aquilo – e olha que fui muito paciente –, mas eu havia me enganado.

Os argumentos foram acabando e tudo caminhava para uma direção. Eu tentei inverter a situação, consertar as coisas, recuperar algo que havia muito tempo já estava perdido. E não tem coisa pior do que perceber que estamos lutando sozinhos.

Foi então que ouvi as fatídicas palavras saírem da boca dele! Eu precisei dizer para mim: *Calma, Fabiana, não esquece de respirar.* Fiquei chocada! Por mais que eu soubesse que aquilo poderia acontecer, não podia acreditar que de fato tinha acontecido. O poder da situação agora era dele e eu tinha perdido o chão. Tudo bem que sempre fui muito sonhadora e romântica, mas sempre olhava para baixo para ter certeza de que não estava longe demais do solo.

Será que aquilo realmente estava acontecendo? Será que eu ouvi direito? Será que aquele ser sentado na minha frente tinha noção do que havia acabado de acontecer? E se eu fingisse que não tinha ouvido? Será que eu ainda poderia fazer alguma coisa para ele voltar atrás? Por que chegamos a este ponto?

Tudo isso passava na minha cabeça ao mesmo tempo. Era como se a Terra tivesse parado de girar para fazer daquele momento horrível o mais longo da minha vida! Sempre fui bem dramática, mas neste caso

não era drama, o meu maior pesadelo estava prestes a se tornar realidade. Afinal, se felicidade dura pouco, isso só pode querer dizer que tristeza não tem fim! Não é mesmo?

Fim? Foi isso mesmo que aconteceu. Era o fim! Fim de longos anos! Fim de um relacionamento! Fim de uma linda história de amor! Fim do nosso futuro! Fim da minha vida!

Pera aí! Fim da minha vida? Era isso mesmo? Eu estava apostando todas as fichas da minha vida e felicidade em alguém? *Você tá louca, Fabiana?!* (Sim, eu falo sozinha às vezes). Foi duro e muito difícil, mas foi nesse momento que eu percebi que não era o fim...



CAPÍTULO 1

Amor À PRIMEIRA VISTA: REAL OU coisa de filme?

Quinze anos! Uma época maravilhosa da nossa vida, que um dia todos lembrarão com saudade! É a fase em que começamos a sair mais com as amigas, os pais dão mais liberdade, começamos a ir para festinhas e nos preocupar mais com a aparência. Tem menina que já é vaidosa muito mais cedo, mas confesso que eu era largada e dos catorze para os quinze anos comecei a pintar as unhas, fazer chapinha e usar rímel! Um superavanço!

Ah, não posso me esquecer de que é aí que começaram as paqueras, os lances, ficadas, namoros e por aí vai. (Fabiana, não mente, vai, você começou a paquerar bem antes disso, né?) Sempre fui muito namoradeira, mas isso não vem ao caso.

Meu nome é Fabiana, mas minhas amigas me chamam de Fabi. Prefiro o apelido. O nome é muito formal e só é usado no consultório médico ou quando alguém me dá bronca. Dependendo de quem diz Fabiana, eu já começo a me preocupar. Eu era uma menina magricela, sem muito peito nem muitas curvas (coisa que me incomodava, eu sonhava em mudar e coloquei silicone anos depois), com um metro e sessenta e cinco de altura, cabelos e olhos naturalmente castanhos, rosto redondo e diria que eu mantinha meu bronzeado palmito em dia. Meu cabelo era liso escorrido, mas em grande quantidade e ia até a cintura. Usei aparelho durante anos, mas ainda assim tinha um sorriso meio tortinho e amarelado. Não era a menina mais linda do mundo, longe de ser uma personagem principal de qualquer filme, mas até que me achava bonitinha.

Foi com essa idade que eu comecei a frequentar mais festinhas na casa de uns amigos do prédio em que eu morava. Um ano antes, eu não

conseguia ir, porque estava fazendo cursinho à tarde e estudando de manhã, sem contar as aulas de balé à noite e aos fins de semana. Parece que eu era uma supernerd, mas nunca fui muito fã de estudar. Já deu pra ver que eu não tinha tempo, né? Isso quer dizer que minhas amigas já conheciam toda a turma que frequentava essas festinhas e eu não. Porém, foi em uma dessas festas que a minha vida mudou. Parece algo grande demais para se dizer aos quinze anos, certo? Mas foi exatamente o que aconteceu.

Foi em um belo sábado à noite, 6 de dezembro de 2008, que tudo começou. Fomos todas para o apartamento do meu amigo Rauhf, já que os pais dele estavam viajando, ou seja, casa liberada. O apê era bem parecido com o meu, já que morávamos no mesmo prédio: três quartos, sendo que um era suíte, sala grande com sala de jantar junto, uma cozinha estreita e comprida, um banheiro no corredor, lavanderia e uma varanda relativamente pequena. No começo só tinha o Rauhf, que era o dono da casa; um pouco mais velho do que eu, tinha cabelos castanhos levemente encaracolados nas pontas que ficavam para fora do seu boné de aba reta, uma barba e um bigode que ainda começavam a querer aparecer, era bem magricelo, mas também o mais animado da turma. A Fer, namorada dele, também já estava lá, assim como a Bella (amiga de infância) e a Letícia, mais conhecida como Lele (amiga mais doidinha que eu tenho), que também sempre foi bem magricelinha, mas, diferente de mim, tinha peitos, uma coisa que eu invejava de leve. Eu cheguei junto com a Nina, minha querida irmã mais nova, que era mais alta do que eu, loira, bonita. Muita gente acha que somos parecidas e outros acham que não temos nada a ver uma com a outra. Eu acho que parecemos um pouco sim, mas ela puxou mais à nossa mãe e eu mais ao nosso pai. Como temos apenas um ano de diferença, sempre fomos muito próximas, criadas quase como gêmeas, o que nos fez ter uma amizade e cumplicidade lindas. Claro que nem sempre foram flores, já brigamos muito e brigamos até hoje.

Estávamos todos no quarto do Rauhf, que era o primeiro do corredor do lado direito, as paredes eram brancas e os móveis de madeira amarela clarinha, tinha uma bicama de solteiro encostada em uma parede, um armário de quatro portas do lado oposto e uma pequena escrivaninha com um computador daqueles trambolhudos, e era nele que a gente estava escutando música.

— Raufh, quem mais vem hoje? — perguntei.

— Acho que vem o fulano, o sicrano e o Leandro — respondeu o Raufh.

— Ahhhh... Fica com o Leandro, Fabi — falou a Lele com ar de malícia.

— Mas, gente, quem é esse Leandro? Eu nem conheço. Ele é bonito pelo menos? — perguntei meio desconfiada.

— Ahhh... Ele é muito simpático e tem um sorriso lindo! — disse a Bella sem passar muita confiança.

— Verdade, o sorriso dele é lindo! — Letícia disse rindo.

Ai ai ai! Nessa hora eu já pensei: *esse menino deve ser um cão chupando limão!* Eu pergunto se o cara é bonito e os únicos elogios que elas conseguem fazer são esses. Conhecendo essas garotas como eu conheço, já sei que simpático quer dizer que o cara é feio, mas é gente boa. *Mas por que raios eles querem que eu fique com ele? Será que eu estou encalhada ou pareço desesperada?* Se soubesse que naquela noite eu iria conhecer um cara eu teria me vestido melhor; eu estava de shorts jeans, camiseta branca, sapatilha preta, cabelo solto e liso e praticamente nenhuma maquiagem. A única coisa, além da máscara de cílios, com que eu me preocupei foi o perfume; na época eu gostava de passar aqueles bem doces.

Bom, mas ainda tinha o detalhe do sorriso lindo dele. Se as duas repararam, era porque devia ser algo realmente bonito e um ponto a ser destacado. Percebi que nem tudo estava perdido e o melhor a fazer era parar de criar imagens na minha cabeça e esperar ele chegar. Detalhe importante: naquela época (aqui estou eu sofrendo crise de velhice antes da hora) não existia Instagram, Facebook, Snapchat e essas coisas. A internet era discada e se você não sabe o que é isso, dê graças a Deus. Não existiam smartphones e nem todo mundo tinha celular. Então não era como hoje, do tipo: “Amiga, abre o Insta dele e me mostra uma foto pra ver se vale a pena”. Era tudo na base da imaginação mesmo, o que na minha opinião é bem pior, porque a gente gosta de fantasiar e em segundos você já imagina o cara inteirinho e depois tem que lidar com o confronto da expectativa *versus* realidade.

Quando a campainha tocou, meu coração disparou, parecia que estava rolando uma balada eletrônica dentro de mim, as borboletas

na barriga dançavam loucamente, me deixando superansiosa. Afinal, todos ali esperavam alguma coisa e eu só torcia para ele ser bonito e legal, enquanto as minhas amigas torciam pra gente se dar bem e ficar. Por que será que as pessoas querem ser cupido, né? Só porque alguém não está namorando não significa que essa pessoa precise ou queira ficar com alguém. Ou significa?

Fiquei tentando fingir que estava tranquila, afinal era só mais uma pessoa chegando pra festa, ou foi o que repeti para mim mesma o tempo todo. No fundo, eu estava tendo um ataque. Era só pra ser um dia legal. Só o dono da casa foi até a sala abrir a porta e recepcionar o amigo tão esperado. Todas me olharam com aquela cara maliciosa de quem quer perguntar: “E aí, tá preparada?”.

Aqueles olhares me gelaram a espinha. Por que tanta pressão, gente? Já não bastava a prova de matemática que eu ia ter naquela semana, ainda tinha que passar por aquilo.

O Raufh entrou novamente no quarto e logo atrás dele estava o desconhecido. Não sei de onde surgiu o sentimento dentro de mim quando o vi pela primeira vez. Até hoje eu não compreendi totalmente, foi uma mistura de química, como o choque de dois átomos, com amor à primeira vista.

Amor à primeira vista, Fabiana? Você acredita mesmo em amor à primeira vista? Eu não sei, quem sou eu para julgar? Sempre achei meio cafona, coisa de filme hollywoodiano, mas nunca se sabe. Só sei que quando olhei para aquele menino, naquele dia, eu pensei: *ele vai ser meu namorado!* Eu sei que parece loucura e é, mas foi exatamente o que passou pela minha cabeça. Me lembro como se fosse ontem, consigo até sentir o frio na barriga e ter a sensação de que minha vida estava prestes a mudar. O quarto ficou pequeno, sabe? Até o ar pesava. Não tem como esquecer aquilo.

O tal Leandro, o causador desse turbilhão todo, sorriu olhando para todo mundo. *Ai meu DEUS, Fabiana, não fica vermelha.* Tarde demais, eu já estava parecendo um pimentão de tanta vergonha. E o calor? Era uma noite de verão em São Paulo, mas naquele momento eu sentia como se estivesse dentro de um forno, de tanto que suava.

Parece que tudo foi ficando em câmera lenta e fiquei nervosa – claro que a pressão da galera colaborou pra que eu ficasse assim, mas

não era só isso. Ele era lindo, alto, cabelos castanhos com um topete arrepiado com gel, magro, nada muito atlético, com cara de menino virando homem, rosto lisinho de quem fez a barba e um sorriso de roubar suspiros. Sim, suspirei (contidamente, é claro). Minhas amigas tinham razão, pelo menos até aquele momento minhas expectativas só aumentavam e meu tom de vermelho já estava beirando um roxo berinjela.

Ele cumprimentou a todos. Foi aí que meus amigos resolveram sair do quarto e nos trancar lá. Atitude superadulta, só que não, né! Que coisa infantil!

Eu já estava *suuuuper* nervosa e tendo um colapso nervoso. Ninguém mais sabe ser discreto? O cara acabou de chegar, poxa! Fiquei sem graça, não sabia o que fazer, o que dizer. Nem conseguia olhar pra cara dele de tanta vergonha! Valeu mesmo, amigas, suas fofas. Por alguns minutos, nós dois evitamos nos olhar, ninguém abriu a boca. Tudo o que podíamos ouvir eram as risadinhas atrás da porta e possivelmente as batidas do meu coração também.

Então ele me olhou com aquela cara de “Como nossos amigos são trouxas”. Nossa, que olhar penetrante, que sorriso lindo, que... (Se concentra, Fabiana, foco!). Ele sentou ao meu lado, perguntou meu nome, se apresentou e trocamos algumas palavras, nada realmente importante, senão eu me lembraria. Mas a única coisa de que me lembro é de ter ficado hipnotizada por aquele sorriso! Só espero não ter ficado com cara de idiota olhando pra ele de boca aberta e babando, tipo cachorro olhando frango de padaria! Ah, a quem eu quero enganar? É bem provável que eu tenha feito isso.

E, então, aos poucos senti uma mão tocar o meu rosto, afastar os meus cabelos lentamente, colocando-os atrás da orelha, e senti meu corpo todo arrepiar. Ele continuou olhando nos meus olhos, eu nem piscava, acho que nesse momento eu só estava ali de corpo presente e meus pensamentos voavam bem longe.

— Então você é o Leandro, né? — *Que pergunta idiota, Fabiana.*

— Sim, sou o Leandro. E você é a famosa Fabi, né? — perguntou com um jeito que me deixou mais encabulada, se é que isso era possível.

— Sou, mas por que famosa? Já falaram de mim antes? — A curiosidade é sempre um ponto fraco em mim, mas também uma ótima forma de puxar conversa.

— O Rauflh já tinha me falado de você em outras festas, mas você deve ser muito ocupada, nunca apareceu em nenhuma. Já estava curioso para conhecer você.

— Ah, é? E você conhece o Rauflh há quanto tempo?

— Muitos anos... estudamos juntos desde pequenos, ele é como um irmão pra mim. E agora fazemos faculdade juntos.

— Faculdade? Faculdade de quê?

— Administração. Tô no primeiro ano, praticamente acabei de entrar. Mas estou gostando. E você, faz o quê?

— Eu ainda tô no colegial, primeiro ano. — Percebi a cara de surpresa no olhar dele assim que falei.

— Ah legal, quantos anos você tem?

— Tenho quinze anos.

Continuamos conversando, demos algumas risadas e ele foi chegando mais perto; eu já tinha esquecido completamente que nossos amigos estavam atrás da porta. Na verdade, já tinha esquecido onde estava, quem eu era e tudo mais, só sabia que aquilo tudo não parecia estar acontecendo. E, quando fiquei sem saber o que mais poderia acontecer, ele me beijou. Que beijo! Ai ai... Que beijo! Saí do chão, parecia estar viajando por mundos nunca antes visitados! A felicidade não cabia dentro de mim, nem meu coração parecia caber. Esse momento sempre ficará marcado na minha memória. Sei que pode parecer exagero por apenas um beijo, mas, acredite em mim, se você nunca foi beijado assim, torça para ser. É algo que nos tira da órbita.

Sabe quando o beijo encaixa? Foi isso que aconteceu, parecia que a gente já havia se beijado antes. Então a gente parou e se olhou. Alguns segundos de silêncio que pareciam horas. Fiquei olhando pra ele ali na minha frente, com um sorriso bobo e um olhar de “vou te beijar de novo”. A única coisa que passava pela minha cabeça era: *Fabi, você vai namorar com ele. Ele é o amor da sua vida.*

Loucura, né? Mas não era não.

Depois do beija-beija, fomos pra sala com todo mundo e curtimos o resto da noite com nossos amigos. Claro que todos ficaram felizes pelo novo casal que havia se formado. A operação cupido, ou missão desenralhar a Fabi, tinha sido concluída com sucesso. Outras pessoas

chegaram e a noite continuou com muita música, conversas, risadas e mais alguns beijos aqui e ali.

Quando fomos embora, eu e minhas amigas fomos para a casa da Lele, que morava alguns andares acima, para fofocarmos e dormirmos por lá. Não fui a única da noite que tinha ficado com um *crush* novo e tinha coisas pra contar. Porém acho que era a mais ansiosa para colocar todo meu sentimento pra fora.

O quarto da Lele era branco com detalhes em rosa, a cama era de casal, onde nós nos apertávamos para dormir em três, às vezes até em quatro meninas, e de frente para a cama tinha uma escrivaninha com uma televisão. Sentamos formando uma rodinha: eu sentei no chão, a Nina estava na cadeira da escrivaninha e a Bella e a Lele na cama.

Contei como foi a conversa, como ele foi fofo, engraçado, simpático e como elas estavam certas sobre o sorriso. Aquele sorriso fazia qualquer uma perder o foco. Todas deram risada.

— Não falei? Ele é bonito, mas o sorriso é a primeira coisa que você repara. — Bella confessou.

— Nossa, e o beijo? Como foi? — perguntou a Lele, sempre curiosa.

— Foi mágico — contei com detalhes tudo o que havia sentido. — O beijo estava em sintonia. Ai, gente, estou apaixonada — falei com aquele brilho nos olhos.

— Ah, Fabiana, você é muito exagerada, nem conhece o cara direito — disse a Nina, muito mais pé no chão do que eu.

Eu sei que parecia exagero, que pra muita gente não fazia sentido, mas foi o que eu senti. Não adiantava querer explicar isso para os outros ou fazê-los acreditar numa coisa que até pra mim parecia loucura e ainda parece. Mas lá dentro eu sabia que ele era um cara diferente e que algo especial tinha rolado ali. Talvez as pessoas não entendam porque nunca passaram por algo assim, ou prefiram ser mais racionais quanto às questões do coração.

Um detalhe importante é que alguns dias depois ele me adicionou no MSN Messenger. Era um programa de mensagens instantâneas da época, similar ao WhatsApp, mas só para o computador. Nesse programa você podia colocar sua foto de perfil, nome (nick) e um subnick, que normalmente era uma frase de efeito ou trecho de música. Foi

por esse bate-papo que começamos a nos conhecer melhor, conversar, marcar novos encontros e tudo mais.

Como homem é muito desligado, e eu sou muito ansiosa, mal conheci o cara e já queria namorar, dei o primeiro beijo e já estava planejando o casamento! Sim, exagerada, mas é assim que minha cabeça funciona, enquanto estão indo plantar o trigo eu já voltei com o bolo.

Quando ele entrava no MSN e não vinha logo puxar papo comigo, para não parecer que eu estava megainteressada ou correndo atrás, eu também não mandava mensagem. Mas tinha minhas táticas: ficava saindo e entrando no MSN para que ficasse aparecendo na tela do computador dele janelas com a mensagem: Fabi está online, Subnick: “E eu me pergunto todo dia como pude ter tanta sorte em ter encontrado você”.

Sim, eu sei, que cafona, mas quem nunca passou por essa fase?

Conversávamos sobre várias coisas, a faculdade dele, meu sonho em ser bailarina, meus amigos e por aí vai. Sempre fazíamos muitas piadinhas, dávamos indiretas e jogávamos charminho, ou pelo menos eu achava que estava rolando alguma coisa ali. Ai, como eu queria ter o histórico dessas conversas.

Logo depois do primeiro beijo, começamos a nos ver quase todo fim de semana. Quando não era em festinha na casa dos nossos amigos, era no cinema, na pracinha, na balada ou até só sair para comer. Os encontros foram ficando mais frequentes e mais intensos também, eu estava mais apaixonada a cada minuto. E um dia, não muito tempo depois daquela noite marcante, rolou outra festa na casa do nosso amigo. As mesmas pessoas estavam lá, tinha música rolando, mas algo estava diferente. Dessa vez, eu já fui à festa sabendo quem estaria lá e ele estava lindo, usando uma calça jeans e uma camisa polo cinza, sentado no sofá, rindo com os amigos. Aquela risada forte, que preenche o lugar inteiro, sabe? Fiquei olhando por uma fração de segundo, antes que as pessoas notassem a minha chegada e o olhar dele encontrasse com o meu.

Mais uma vez aquele pensamento de que ele era o homem da minha vida veio à minha cabeça, mas nesse momento eu tinha certeza do meu sentimento. Por mais absurdo que pareça, eu queria ele ao meu lado pra sempre e estava decidida a embarcar nesse relacionamento, mesmo que eu ainda não o tivesse avisado disso.

A noite continuou, todos se divertindo, eu também estava curtindo, mas tudo parecia estar com um clima diferente, sabe quando você sente algo rolando no ar? Fui para a varanda olhar as estrelas e me distanciar um pouco de tudo. E logo senti ele chegando ao meu lado.

— O que você tá fazendo aqui fora? — ele perguntou baixinho, falando bem perto do meu ouvido.

— Ah, eu gosto de olhar as estrelas, fico imaginando que tem alguém neste instante, em algum lugar do mundo, que também está olhando pra elas — falei sem pensar, a verdade saiu da minha boca.

Fabiana, agora ele vai achar que você é louca, uma romântica doida, isso se já não tem certeza, né? Então ele deu um sorriso de canto e todos os meus pensamentos sumiram. Ele se aproximou, me puxou pra perto e me beijou. Me derreti toda, quem não se derreteria? Um beijo sob a luz das estrelas e uma troca de olhares.

Como não querer que alguém como eu suspire e flutue com tudo o que estava acontecendo? Era como se tudo o que sempre sonhei se realizasse. Como se cada situação amorzinho que já tinha visto em filmes e séries pudesse realmente acontecer.

Ele me guiou pela mão e fomos nos afastando do pessoal, prontos para construir mais uma lembrança que jamais se apagaria.

Eu acordei de madrugada, ainda achando que tudo não passava de um sonho, mas então senti os braços dele me envolvendo, conseguia escutar a respiração tranquila de quem ainda estava dormindo. Em alguns instantes, eu passei de sonolenta e sonhadora para acordadona e reflexiva. Milhares de coisas passavam pela minha cabeça, tudo aquilo tinha realmente acontecido e foi diferente de tudo que eu já tinha imaginado para aquele momento.

Claro, Fabiana, já falei que, quando imaginamos, nós gostamos de fantasiar e idealizar, achar que vai ser a noite mais romântica e mágica da sua vida, seguida de um pedido de namoro e um buquê de rosas. Mas a vida real é bem diferente, o que não significa que é um pesadelo, mas muito menos cor-de-rosa do que gostaríamos.

Fiquei olhando para o teto pensando em tudo, tentei voltar a dormir, mas sabia que não conseguiria. Então levantei devagar, pois não queria que ele acordasse. Como seria? O que iríamos conversar? Eu não tinha ideia de como agir, o que falar, então me vesti no escuro e saí

sem fazer barulho. Passei pela sala, não tinha mais ninguém acordado àquela hora, fechei a porta com cuidado e subi pelas escadas até o apartamento da Lele. Por sorte, ela tinha deixado a porta aberta imaginando que uma hora eu chegaria, porque o combinado era que todas iam dormir na casa dela naquela noite.

Quando entrei no quarto, a Bella e ela ainda estavam acordadas conversando, as duas ficaram mudas e me olharam no mesmo instante com um sorrisinho no rosto, parecia que tinha sido ensaiado.

— E aí? Conta tudo...

Por alguns minutos, eu não disse nada, só dava risada, tentava me concentrar, pensava por onde começar, me preparava para falar, mas quando abria a boca, as palavras não saíam. Acho que era uma mistura de vergonha com o medo do julgamento, mas elas eram minhas amigas e eu tinha que me abrir para elas, afinal eu tinha acabado de perder a virgindade com um cara que não era meu namorado, mas por quem eu era loucamente apaixonada.

Criei coragem e contei, timidamente, mas não dei muitos detalhes e elas já foram logo me enchendo de perguntas. Passamos grande parte da madrugada conversando, o que pra mim foi ótimo, porque era muita coisa para absorver e eu não ia conseguir dormir. De manhã voltei pra casa, com umas olheiras horríveis e dei de cara com a minha mãe na sala. Ela me deu bom dia e perguntou se estava tudo bem.

Minha mãe se chama Marisa. Ela é bem alta, tinha cabelos curtos e loiros, eu acho; ela sempre foi muito vaidosa e já mudou a cor e o corte do cabelo diversas vezes. É perua que só, gosta de se vestir de uma forma bem extravagante, chama muita atenção pelo seu jeito caloroso e superfalante. Falante mesmo, se deixar não para mais. De certa forma, isso eu puxei um pouco dela, porque o jeito perua ficou para a minha irmã. Ela é uma mãe moderna, aberta, mas ao mesmo tempo sabe ser bem brava. Eu e a Nina brincamos que a gente nunca sabe o que esperar dela quando temos algo para contar, porque às vezes ela reage superbem e às vezes sai totalmente fora do nosso planejado.

Tudo passou na minha cabeça em questão de segundos, me veio uma grande vontade de contar tudo pra ela. Mas me pareceu muito coisa de cinema, a menina chegando em casa em uma manhã de domingo e sentando no sofá da sala com a sua mãe para ter um papo

como melhores amigas sobre aquela noite fatídica. Aí pensei no Leandro, no que tinha acontecido, depois pensei que ela poderia não entender, afinal eu era nova e tinha o fato de que ele não era meu namorado nem nada, só um carinho por quem eu tinha me apaixonado. Então olhei pra ela e disse: “Tá sim, mãe!”. Dei um leve sorriso, tentando não transparecer a confusão que tinha acabado de acontecer na minha cabeça e fui logo pro meu quarto, que ficava no fundo do corredor, tinha móveis brancos e paredes rosa claro. Minha cama era de solteiro e ficava embaixo da janela, que tinha cortinas de voal branco, no pé da cama tinha um móvel que ficava de quina e era um mix de penteadeira com escrivaninha. Na parede de frente pra janela ficava um armário grande de duas portas com espelho. Um quarto perfeito para uma adolescente, tirando o fato que era recheado de bichinhos pelúcia e até uma ou duas Barbies bailarinas. Eu ainda estava naquela fase que não queria aceitar que havia crescido.

Eu sentei na minha cama, finalmente sozinha e em silêncio, e comecei a processar tudo! Não foi mágico, não foi nada do que eu havia imaginado, mas eu não sentia nenhum arrependimento por isso. Aconteceu como tinha que ser, eu me senti pronta, não me senti pressionada para nada, simplesmente foi acontecendo. O que assombrava a minha cabeça não era o passado, o que tinha acontecido, mas sim o futuro que agora era incerto. *Como vão ser as coisas daqui pra frente? Será que a gente vai namorar? Será que isso vai estragar tudo? Será que nada vai mudar?* Eram muitas perguntas para muitas possíveis respostas e isso me deu uma revirada no estômago.

Depois de muito pensar no assunto, decidi que o melhor a fazer era agir naturalmente, como era antes, nada de diferente, e esperar para ver como ele agiria comigo. Mas no fundo, no fundo, eu não estava nada tranquila e, com o coração em alerta, eu entrava e saía do MSN, sempre checando se ele estava online. Mas nada, já tinha passado do meio-dia e nem uma mensagem. *Calma, Fabiana, ele deve estar dormindo, quem passou a noite em claro foi você. Até que...*

Leandrinho_Lele:

Oi

Fabi_malukete:

Oi :)

Leandrino_lele:

Td bem?

Fabi_malukete:

sim e você?

Leandrino_lele:

To bem... ta em casa?

Fabi_malukete:

to sim.

Leandrino_lele:

Ta a fim de sair pra almoçar?

SIIIIMMMM!! Sim, sim, sim! Mil vezes sim...! *Se controla, Fabiana, respira e responde com calma e naturalidade.*

Fabi_malukete:

ah... pode ser!

Planeta

Boa, garota, respondeu como se fosse só mais um almoço, nada de mais. Então fui correndo tomar um banho, secar o cabelo, passar aquele perfume especial, escolher um look casual bonitinho, que pra mim era uma saia jeans, uma camiseta estampada e uma sapatilha, e passar uma máscara de cílios.

Fiquei no portão do prédio esperando e, quando ele apareceu dentro do carro, meu coração começou a bater mais forte, mas me mantive firme e fui em direção a ele, sentei ao lado dele e sorri. Um sorriso desajeitado, sem saber como agir. Ele já me cumprimentou com um selinho, como a gente vinha fazendo toda vez que se encontrava.

— E aí, tudo bem?

— Tá, sim! Aonde vamos comer? — Já fui logo mudando o assunto e óbvio que a primeira coisa que veio na minha cabeça foi comida.

Fomos para uma lanchonete ali pertinho, sentamos um de frente para o outro, passamos alguns minutos olhando o cardápio e fizemos o nosso pedido, dois x-saladas e duas Cocas com gelo e limão no copo.

O garçom anotou tudo e saiu, nos deixando sozinhos, frente a frente. Meu coração virou Ferrari, foi de zero a cem em poucos segundos.

— Eu queria saber como você está depois de ontem — ele me perguntou com sinceridade e eu achei isso muito fofo, porque afinal ele sabia que era a minha primeira vez.

— Ah... eu tô bem sim! Só estou tentando processar tudo ainda, sabe?

E nosso papo foi muito legal, comemos nossos lanches, falamos de outras coisas legais que tinham acontecido aquela noite e fomos embora. Ele me deixou na frente do prédio, me deu um beijo, mas dessa vez foi um beijo bem demorado, eu saí do carro e fiquei olhando ele se afastando na rua.

Não falamos sobre namorar, sobre o futuro nem nada parecido. Mas só aquele breve momento, aquela conversa, me fez perceber que ele se importava e ver que, além de tudo, existia uma amizade muito legal entre a gente. Isso já acalmou meu coração e claro que me encheu ainda mais de esperança.

A vida seguiu em frente, um novo ano começou, nós continuamos nos vendo quase todos os fins de semana, saíamos com nossos amigos, nos encontrávamos para jantar, ir ao cinema, mas não tínhamos nada sério e ele fazia questão de deixar isso bem claro, que estava adorando me conhecer melhor, que curtia ficar comigo, mas que era muito novo para namorar e tinha acabado de começar a faculdade.

Eu pensava: *que grande filho da p... quer fazer a rapa nas meninas da facu, né?* Eu queria ser mais segura de mim naquela época para poder responder: “Mas quem foi que disse que eu quero namorar com você, nem perguntei nada”. Enquanto isso eu só pensava: *Me pede em namoro logo!* Ai, Fabiana, que tonta, vergonha alheia de você! Mas, vamos confessar, quem nunca?

Mesmo sabendo que o pedido de namoro poderia nunca acontecer ou demorar muito para ser feito, eu continuava saindo e conversando com ele sempre. Porque no tempo que passávamos juntos eu me sentia mais feliz. Mesmo o conhecendo tão pouco, eu sentia que não precisava fingir ser alguém diferente ao lado dele, eu podia ser eu mesma que estava tudo bem! É estranho isso, mas acho péssimo quando eu vejo uma amiga mudar toda a personalidade, o jeito de ser, por causa de um

namorado. Isso quando ela não muda as amizades, a rotina, a vida e tudo mais para viver em função do cara. Aí, quando o relacionamento acaba, ela não sabe nem quem é ou o que quer da vida. O pior é que parece que quanto mais você tenta ajudá-la a enxergar a situação, mais ela se afasta de você e se afunda na areia movediça. É muito triste o quanto as pessoas podem se machucar por aquilo que acham que é amor.

Os nossos encontros eram constantes, parecíamos namorados quando estávamos juntos, queríamos saber tudo da vida um do outro, trocávamos carinho, andávamos de mãos dadas, nos beijávamos em público e tudo mais. Mas ele tinha um problema sério com essa coisa de namorar e os nossos amigos adoravam provocar. Falavam que estava na hora de ele assumir nosso namoro e ele ria todo sem graça. Isso se repetia com frequência e toda vez eu criava um pinguinho de esperança e logo me decepcionava. Isso foi me machucando aos poucos. Mas se tem uma coisa nesse mundo que eu sou – e me orgulho disso – é determinada! Quando eu coloco uma coisa na cabeça, ninguém tira, e eu vou até o final para conquistar o que quero! E o que eu queria era namorar aquele cara que tinha um piripaque só de ouvir a palavra namoro! Ai, Fabiana, você me cansa, não podia ter escolhido um cara mais fácil? Parece que você gosta de complicar a vida!

Às vezes eu até me esquecia de que não éramos nada além de um rolo e curtia o momento, ria, chorava, contava piada, sonhava acordada e simplesmente deixava as coisas acontecerem sem pressa. Queria eu que tivesse sido o tempo todo assim, só momentos bons, sem estresse, mas euzinha aqui sou muito acelerada, quero tudo pra anteontem, porque pra ontem já demorou demais! Tinha mania de dar indiretas e esperar que isso fosse mudar alguma coisa. Mas naquela época eu ainda não entendia que indiretas não funcionam muito bem para os homens. E às vezes nem diretas!